

## ENTRE SONS, RITMOS E FORMAÇÃO DOCENTE: PERCEPÇÕES DOS LICENCIANDOS SOBRE O ENSINO DE QUÍMICA PELA PROPOSTA DO TEATRO DO OPRIMIDO

Camila de F. Sant'Ana<sup>1</sup>; Leonardo M. Moreira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Cecierj, [santana\\_camila@yahoo.com.br](mailto:santana_camila@yahoo.com.br)

<sup>2</sup>UFRJ, [leo.gt@hotmail.com](mailto:leo.gt@hotmail.com)

**Palavras-Chave:** Ensino de Química, Teatro do Oprimido, Formação de professores

### Introdução

O professor contribui significativamente para a formação dos estudantes e conduz a mediação do processo reflexivo sobre a organização dos conhecimentos científicos. Logo, estes profissionais são os gestores dos conteúdos de Ciências trabalhados em sala de aula, e sobretudo, guias dos mundos mentais dos educandos.

Neste sentido, Chassot (2018) problematiza sobre o desafio dos professores para promover um Ensino de Ciências que possa abarcar posturas éticas e a formação da cidadania. Em seus escritos, Fernandez (2018) indica que no Brasil a profissão de professor de Química ainda não possui o reconhecimento necessário da sociedade, existindo uma carência e controvérsia na formação destes profissionais sobre o corpo de conhecimentos necessários durante o curso que definam alguém como professor.

As referidas considerações fomentam nossas inquietações sobre a relação pedagógica estabelecida entre professor de Química e estudante, as peculiaridades dos conhecimentos científicos trabalhados em sala e as carências apresentadas de forma velada na formação destes atores sociais, que suscitam concepções equivocadas de seu papel enquanto formadores dos estudantes, tendo como consequência, uma relação impositiva e/ou opressora.

Segundo Maldaner (2013), um ponto sensível que demanda maior atenção é a insatisfação dos licenciandos com os professores formadores que não possuem didática para as aulas de Química sob a perspectiva de um comprometimento social nestas formações. A consequência é o perfil de um curso de formação que pode reproduzir estereótipos, sendo incorporados, ainda que de maneira inconsciente, pelos futuros professores após a conclusão dos cursos.

Tendo em vista carências presentes na formação destes profissionais que podem repercutir em práticas impositivas e improdutivas, é interessante a adoção de ações que viabilizem reflexões sobre este cenário. O diálogo entre Ciência e Arte pode, nesse sentido, promover abordagens promissoras e contribuir para o repensar sobre os percursos formativos dos professores de Química.

Pesquisadores como Deccache-Maia e Messeder (2016), Guimarães e Silva (2016), argumentam sobre a Arte como caminho promissor para refletir sobre temas científicos de maneira crítica. O diálogo entre Ciência e Arte pode ser um campo oportuno para mapeamento de questões apresentadas de forma encoberta, uma vez que a Arte permite a expressão de sentimentos por meio de linguagens diversas.

Por sua vez, o Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal é uma linguagem que pode contribuir para tais reflexões, sendo um elemento provocador para suscitar debates sobre as questões sociais iminentes. Segundo Boal (2000, 2005), o TO é um método corporificado pelo

conjunto de diversos sistemas teatrais que procuram, por meio da desmecanização do corpo e da experiência estética a partir de jogos e exercícios, conduzir atores e espectadores ao reconhecimento e ao enfrentamento de situações de opressão a que estão subordinados.

Motivado pelos pressupostos da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, Boal era convicto sobre a potência do TO para fomentar a mediação social, política e educativa, contrapondo as formas de opressões presentes na sociedade e possibilitando ao oprimido planejar possíveis caminhos de libertação, segundo Baraúna (2013). O Teatro do Oprimido é uma ferramenta de problematização, assim como a Pedagogia do Oprimido, tendo como essência, promover a participação mais dinâmica dos oprimidos, para transformar a sociedade em que estão inseridos.

Como uma forma de linguagem artística, O Teatro do Oprimido pode promover - também no campo de ensino de Química - uma possibilidade de manifestação de emoções, sentidos e percepções que não podem ser desveladas por palavras apenas. Augusto Boal procurou desmistificar estereótipos sobre o campo de conhecimento da Arte pertencer a um específico grupo de praticantes, ao sistematizar uma metodologia que pode ser praticada por qualquer pessoa sem distinções, uma vez que trazemos a essência da Arte em nosso íntimo.

Neste sentido, este estudo tem como objetivo evidenciar os dados parciais de uma pesquisa de doutorado concluída (Sant'Ana, 2023) no intuito de explicitar as concepções dos Licenciandos em Química - atores sociais da pesquisa - sobre a relação pedagógica estabelecida entre professor de Química e estudante. Para tal, o TO foi a linguagem artística adotada para reflexões sobre esta questão.

## **Metodologia**

Tendo um perfil de pesquisa exploratória (GIL, 2002), este estudo foi desenvolvido com 6 estudantes do curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Nilópolis, para identificar quais reflexões emergem a partir da utilização do Teatro do Oprimido para debates sobre a relação pedagógica impositiva estabelecida entre professor de Química e estudante, e quais os reflexos para a formação cognitiva e crítica na educação básica.

O Teatro do Oprimido foi a linguagem implementada pois, o tema opressão é o foco de debate nessa modalidade de teatro. A estruturação do TO ocorre por um conjunto de formas e técnicas a partir de jogos e exercícios. A proposta consiste na reflexão e ação política e social, para potencializar as aptidões expressivas dos oprimidos - que assumem posição de protagonistas das ações - e romper com as diversas formas de opressão, a partir da compreensão e intervenção na realidade opressora (BOAL, 2005).

Para tal, foi estruturada uma oficina on-line junto aos Licenciandos de seis encontros com duas horas de duração. Nos encontros, foram delimitadas atividades que contribuíssem para um delineamento progressivo e alcance dos objetivos da pesquisa. Boal (2005) indica que o TO tem início a partir de jogos abordando estéticas da imagem e do som, além da palavra, para desmecanizar o corpo e a mente alienados às demandas do cotidiano.

Para este estudo são apresentadas algumas das reflexões que emergiram em um dos encontros pela proposta de pensar sobre a relação construída entre o professor de Química e o estudante, pela estética do som. Então, para além da palavra, foi proposto que eles pudessem pensar em uma música que retratasse a referida relação. Os participantes autorizaram a divulgação de seus nomes e relatos assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nos resultados são apresentados dados parciais que emergiram pela proposta de se trabalhar a estética do som, segundo Boal (2005).

## Resultados e Discussão

Os sons podem nos comunicar muitas informações e para Boal (2014), também é um caminho de revelação das diversas formas de opressões presentes em nossa sociedade. Por essa razão, dedica, na sistematização do TO, um arsenal de jogos e exercícios para trabalhar as opressões pela linguagem também do som. Tendo em vista as mensagens presentes nas entrelinhas de letras de músicas, neste trabalho são indicados os resultados parciais das percepções dos colaboradores da pesquisa sobre a relação pedagógica construída entre o professor de Química e o estudante na sociedade contemporânea. Ou seja, a música é adotada como forma de reflexão dessa relação que pode ser pouco profícua no ensino de Química. Para este dia do encontro da oficina, nem todos participaram. Então, apresento os resultados de três participantes com suas respectivas músicas eleitas.

**Quadro 1:** Informações sobre as músicas

Nome do (a) participante	Música escolhida
Raquel	Piloto Automático da banda Gabriel Boni e Supercombo
Yulia	Zero da banda Imagine Dragons
Deyvid	Quem sou eu da banda Hori

Fonte: Elaborado pelos autores

Na música “Piloto Automático (Gabriel Boni e Supercombo)”, a letra apresenta uma mensagem de uma pessoa que está vivendo no automático, sem compreender o real sentido do que está fazendo. Raquel a escolhe por acreditar que um problema que é frequente é de o estudante se sentir deslocado com a Química, não percebendo sentido no conteúdo que é ministrado e, estudando no “piloto automático”.

A licencianda indica um problema que é frequente nesse contexto, do estudante se sentindo deslocado com a Química. Ele não percebe sentido no conteúdo que é apresentado e por consequência, estuda essa disciplina no “piloto automático”. É um processo mecânico para o estudante, ou seja, um ensino de Química que não faz sentido.

Raquel ainda problematiza sobre o contexto econômico e educacional de maneira mais abrangente como fatores que podem interferir na formação e repercutir na prática do professor de Química, desestimulando esse profissional, e por consequência, o educando. O que corrobora as problematizações anunciadas anteriormente sobre um cenário precário de desvalorização da profissão do professor de Química (Fernandez, 2018).

Na música “Zero (Imagine Dragons)”, a letra permite uma interpretação sobre alguém que não se sente digno de receber atenção. Neste sentido, para Yulia, o estudante não tem muito espaço para falar, uma vez que, o professor de Química não proporciona muitas possibilidades para o estudante se comunicar, dialogar. Para ela, esse é um ponto essencial para que o aluno não se sinta deslocado com relação aos conteúdos que são apresentados em sala de aula.

Yulia revela uma concepção sua sobre uma relação pedagógica que por sua vez, é problematizada por Chassot (2018), ao indicar que um dos atravessamentos para uma educação em Ciências crítica, é a dificuldade de o professor promover uma contextualização dos conteúdos com o cotidiano do educando. Para Chassot, é importante que o professor tenha uma prática formadora, e não apenas informadora de conteúdos em sala de aula, de maneira a viabilizar uma educação em Ciências crítica.

A licencianda ainda apontou sua percepção sobre um ensino de Química improdutivo, relativo ao padrão de organização das salas de aula, ou seja, dos estudantes sentados em fileiras. Quando indagada sobre que ideia ela tem do cenário pelo qual o professor está em cima de um tablado para dar aula, ela indicou a de autoritarismo.

Na música “Quem sou eu (Hori)”, Deyvid a elege para indicar suas inquietações sobre uma relação que para ele é sem sentido, improdutivo e sem diálogo. O professor de Química não dedica sua atenção para ouvir o estudante, e este por sua vez, não ouve o que o professor está dizendo, pois não consegue entender o que é abordado em sala e não percebe uma relação desses conteúdos com o seu cotidiano. Cabe apontar que estas bandas escolhidas pelos colaboradores da pesquisa seguem os gêneros musicais rock e pop rock, que têm como características dar destaque nas batidas e na mensagem através dos instrumentos musicais como bateria e guitarra. Suas falas ainda indicaram que a desvalorização salarial é um fator que atravessa a atuação docente. Corroborando Fernandez (2018), ao anunciar problemas de um cenário precário de desvalorização da profissão de professor de Química.

Os participantes indicaram, segundo suas visões, algumas informações que podem interferir no processo de um pensamento crítico dos educandos. Nesse sentido, somos induzidos a refletir que muitos são os desafios implícitos ao ensino de Química. Desafios que atravessam os professores e, por consequência, os estudantes.

As músicas permitiram que viesse à tona outras camadas de interpretação sobre as interações entre o professor de Química e o estudante, a partir das informações compartilhadas. Cada música com suas especificidades de criação e sentidos subjetivos que dialogaram com a proposta da oficina.

Boal (2014) aponta que especificidades como o timbre e o ritmo podem trazer compreensões que somente as palavras não dão conta de revelar. Neste sentido, indicamos as semelhanças nas escolhas das músicas dos participantes que são gêneros que têm como característica a adoção de sons mais intensos como uma das formas de transmitir a mensagem desejada, causar impacto e mobilizar o público a refletir sobre a canção e sua mensagem.

A partir da proposição da oficina, observamos que os licenciandos se mostraram empenhados e interessados em conhecer a proposta do Teatro do Oprimido e participar das atividades. Isto sugere que os mesmos entendem a importância de refletirem sobre suas formações, bem como, sobre o cenário do ensino de Química.

## Conclusões

O Teatro do Oprimido despertou reflexões dos licenciandos sobre o cenário educacional pela perspectiva do ensino de Química. Um movimento essencial para a tomada de consciência em uma escala macro para então refletirem em uma escala micro, ou seja, sobre suas próprias formações e como esse percurso está sendo por eles delineado.

As músicas fomentaram níveis mais profundos de interpretações e reflexões sobre as interações pedagógicas entre o professor de Química e o estudante. Pela indicação da estética do som, proposta por Augusto Boal ao sistematizar a metodologia do Teatro do Oprimido, também é possível a demonstração de sentimentos, percepções, emoções e reflexões que muitas vezes somente as palavras não dão conta de revelar.

A partir do objetivo proposto neste trabalho, procuramos apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de doutorado concluída. Os dados explicitados indicam que os participantes demonstraram estar engajados com a proposta da oficina e da linguagem artística da música para compartilharem de suas opiniões sobre o ensino de Química, se expressando para além da linguagem verbal, também pela linguagem do Teatro do Oprimido, que articula todas as formas estéticas.

Os dados deixam pistas sobre a proficiência do entremeio Ciência e Arte, pela linguagem artística do Teatro do Oprimido, para viabilizar caminhos de reflexões sobre um fazer científico mais humanizado e inclusivo. O TO nesse sentido, foi um percurso metodológico promissor que contribuiu para a reflexão sobre a formação desses atores sociais enquanto futuros professores de Química e sobre o ensino de Química.

## Referências

BARAÚNA, Tânia. Considerações sobre a pedagogia do oprimido de Paulo Freire e a metodologia do oprimido de Augusto Boal. In: LIGIÉRO, Zeca; TURLE, Licko; de ANDRADE, Clara (org.). **Augusto Boal. Arte, Pedagogia e Política**. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

BOAL, Augusto. **Hamlet e o filho do padeiro. Memórias imaginadas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CHASSOT, Attico Inacio. **Educação conSciência**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2018.

DECCACHE-MAIA, Eline; MESSEDER, Jorge Cardoso. O uso da arte como narrativa na abordagem CTS no ensino de Ciências. **Indagatio Didactica**, v. 8, n. 1, 2016.

FERNANDEZ, Carmen. Formação de professores de química no Brasil e no mundo. **Estudos avançados**, v. 32, n. 94, p. 205-224, 2018. DOI: 10.1590/s0103-40142018.3294.0015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152691> . Acesso em: 24 jun. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Atlas, 2002.

GUIMARÃES, Luciana Mamus; da SILVA, Camila Silveira. A contribuição da Arte para a formação inicial de professores de Química. **Indagatio Didactica**, v. 8, n. 1, 2016.

MALDANER, Otavio Aloisio. **A formação inicial e continuada de professores de Química**. Professores/pesquisadores. 4. ed. Ijuí: Unijui, 2013.

SANT'ANA, Camila de Fatima. **“NÃO DÁ PARA DESTRUIR A CABEÇA DE TODO MUNDO”**: reflexões dos licenciandos sobre opressões no ensino de Química pela linguagem do Teatro do Oprimido. 2023. 248f. **Tese** (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.